

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**  
**ADRIKA NALINE DRUM**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: O ARQUITETO E URBANISTA COMO**  
**AGENTE TRANSFORMADOR DO ESPAÇO**

**CASCABEL**

**2019**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**

**ADRIKA NALINE DRUM**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: O ARQUITETO E URBANISTA COMO  
AGENTE TRANSFORMADOR DO ESPAÇO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Teórico-conceitual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professora Orientadora: Arq. M<sup>a</sup> Sirlei Maria Oldoni.

**CASCADEL**

**2019**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**

**ADRIKA NALINE DRUM**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: O ARQUITETO E URBANISTA COMO  
AGENTE TRANSFORMADOR DO ESPAÇO**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora Arquiteta Mestre Sirlei Maria Oldoni.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Orientadora

Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Profa. Arq. Me. Sirlei Maria Oldoni

---

Professora Avaliadora

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

Profa Arq. Dra Solange Irene Smoralek Dias

Cascavel/PR, 16 de outubro de 2019

## **RESUMO**

A presente pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa de Estudos e discussões sobre Arquitetura e Urbanismo, com o tema: O papel do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas. Partindo da necessidade de se preocupar a fundo nas discussões sobre o seguinte tema, como problema: quais os impactos da atuação do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas no contexto contemporâneo? Objetivou-se em conceituar e apresentar fundamentos capazes de compreender o cenário de fragilidades sociopolíticas e econômicas atuais, assim como a atuação do arquiteto e urbanista. Fundamentando-se na busca de revisões e referências bibliográficas, com o uso do método indutivo.

Palavras chave: Arquitetura Social. Habitação no Brasil. Sociedade Contemporânea. Espaços de fragilidades sociopolíticas e econômicas.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                              |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Início das favelas no Rio de Janeiro, 1912.....                                   | 22 |
| Figura 2 - Localização da Quinta Monroy em Iquique, Chile.....                               | 26 |
| Figura 3 - Quinta Monroy antes da intervenção.....                                           | 26 |
| Figura 4 - Quinta Monroy – projeto finalizado e autoconstrução.....                          | 27 |
| Figura 5 - Implantação – Quinta Monroy.....                                                  | 28 |
| Figura 6 - Localização do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G em São Paulo – SP..... | 30 |
| Figura 7 - Conjunto Habitacional da Gleba G: conexão da cidade formal com a informal.....    | 30 |
| Figura 8 - Implantação do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G.....                   | 31 |
| Figura 9 - Passarelas em estrutura metálica.....                                             | 32 |
| Figura 10 Localização Vila Matilde, São Paulo.....                                           | 34 |
| Figura 11 - Fachada antes da reforma.....                                                    | 35 |
| Figura 12 - Condições da casa antes da reforma.....                                          | 35 |
| Figura 13 - Implantação do terreno.....                                                      | 36 |
| Figura 14 - Planta baixa pavimento térreo setorizada.....                                    | 36 |
| Figura 15 - Jardim interno.....                                                              | 37 |
| Figura 16 - Planta baixa pavimento superior setorizada.....                                  | 37 |
| Figura 17 - Horta no pavimento superior.....                                                 | 38 |

## **LISTA DE SIGLAS**

**CAU/BR** – Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil

**CAU/MG** – Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais

**CIAM** – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

**GUEDAU** – Grupo de Pesquisa Estudos e discussões sobre arquitetura e urbanismo

**FAG** – Fundação Assis Gurgacz

**ONG** – Organização não governamental

**PMCMV** – Programa Minha Casa Minha Vida

**PVSDsD** – Programa de Vivienda Social Dinámica sin Deuda

**SEHAB** – Secretaria Municipal de Habitação

## SUMÁRIO

|                                                                                                       |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                | <b>8</b>  |
| <b>1 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA<br/>DIRECIONADAS AO TEMA DA PESQUISA.....</b> | <b>10</b> |
| 1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS.....                                         | 10        |
| 1.2 ARQUITETURA E URBANISMO .....                                                                     | 13        |
| 1.2.1 Atuação do arquiteto e urbanista e sua função social.....                                       | 15        |
| 1.3 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....                                                                      | 19        |
| 1.3.1 Espaços de fragilidades sociopolíticas e econômicas.....                                        | 21        |
| 1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....                                                                          | 24        |
| <b>2 CORRELATOS.....</b>                                                                              | <b>25</b> |
| 2.1 QUINTA MONROY – IQUIQUE, CHILE.....                                                               | 25        |
| 2.1.1 Depoimentos.....                                                                                | 29        |
| 2.2 CONJUNTO HABITACIONAL DE HELIÓPOLIS GLEBA G – SÃO PAULO,<br>BRASIL.....                           | 29        |
| 2.2.1 Depoimentos.....                                                                                | 33        |
| 2.3 CASA VILA MATILDE – SÃO PAULO, BRASIL.....                                                        | 34        |
| 2.3.1 Depoimentos.....                                                                                | 38        |
| 2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....                                                                          | 39        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                      | <b>40</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                               | <b>42</b> |

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está vinculada ao Trabalho de Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. Insere-se ao Grupo de Pesquisa Estudos e discussões sobre arquitetura e urbanismo (GUEDAU) com o intuito de discutir sobre arquitetura de interesse social com foco no papel do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas nos espaços contemporâneos.

O interesse da pesquisa busca promover a ampliação da visão social da profissão de arquiteto e urbanista, sua importância e relevância para os espaços contemporâneos com fragilidades sociopolíticas e econômicas e apresentar seus campos sociais de atuação. No âmbito social, possui como partido o entendimento da real função do profissional, sua importância e valor de contribuição para a sociedade, podendo dessa forma converter a “fama” que a profissão possui, de elitizada. No universo acadêmico, este trabalho teve como proposta a busca por atuações sociais em espaços contemporâneos para apresentar diversas camadas de atuação para os futuros profissionais, assim como sua notoriedade. Na área profissional, a motivação na prática em diversas esferas sociais.

Seguindo a proposta, como problema de pesquisa partiu-se da seguinte questão: quais os impactos da atuação do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas no contexto contemporâneo? Dessa maneira propõe-se como hipótese de que: os impactos sejam positivos, uma vez que o profissional acaba promovendo ambientes que sejam mais seguros e que possam trazer uma vida digna às áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas no contexto atual.

O objetivo geral da pesquisa está em compreender o papel do arquiteto e urbanista como agente transformador de espaços contemporâneos com fragilidades sociopolíticas e econômicas. Complementando com os seguintes objetivos específicos: 1) Definir arquitetura e urbanismo; 2) Apresentar a atuação profissional do arquiteto e urbanista atualmente e sua função social; 3) Apresentar a sociedade contemporânea; 4) Apresentar o real cenário de áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas; 5) Apresentar a materialização do arquiteto e urbanista em locais de fragilidades sociopolíticas e econômicas; 6) Analisar a atuação do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas; 7) Concluir respondendo o problema da pesquisa.

A proposta desta pesquisa está fundamentada na coleta de informações diversas, que estejam relacionadas com as teorias que englobam o assunto da arquitetura e urbanismo e



a função social do arquiteto no espaço contemporâneo, a sociedade contemporânea com foco em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas. A busca de dados e elementos para a construção textual ocorreu por meio da revisão e pesquisa bibliográfica oriundas de livros, dissertações, teses, revistas científicas, sites, entrevistas e outras fontes de cunho acadêmico.

De acordo com Gil (2008, p.50), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de coleta de dados de materiais já elaborados, principalmente de livros e artigos científicos. Uma das vantagens desse tipo de pesquisa o investigador tem acesso á uma grande matriz de fenômenos muito mais ampla, ao invés daquela pesquisa diretamente.

Marconi e Lakatos (2003, p.83) afirmam que o método é como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais capazes de transmitir maior segurança e economia para o pesquisador, alcançando seu objetivo. Para isso, deve-se utilizar de um método específico, que no caso desta pesquisa é o indutivo, a qual parte de princípios verdadeiros e se buscam ainda conclusões que podem ou não serem positivas, validando ou refutando a hipótese e alcançando a obtenção do objetivo geral. Complementa Gil (2008, p.10) que o método indutivo se inicia com o particular e a generalização como resultada do produto do trabalho feito por coleta de dados particulares.

Para tanto, o trabalho apresentará estudo de caso, que é entendido por Yin (2005, p.32) como: um estudo de modo empírico que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de circunstâncias reais, quando demarcações entre o fenômeno e o contexto não são mais tão claras. Este estudo de caso trará exemplos da atuação do arquiteto e urbanista na contribuição para a renovação de espaços de fragilidades sociopolíticas e econômicas, bem como o auxílio desses projetos para o recomeço dessa população específica.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, o capítulo 1 apresenta os fundamentos arquitetônicos e revisão bibliográfica, etapa de busca dos elementos históricos relacionados ao tema da pesquisa. O capítulo 2 apresenta correlatos de projetos sociais com grande relevância mundial e nacional com ganhos de prêmios importantes para a arquitetura. E, por fim, o trabalho finaliza com as considerações sobre toda a estruturação apresentada. Os demais capítulos serão desenvolvidos ao longo do próximo semestre.

## 1 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADOS AO TEMA DA PESQUISA

Este capítulo apresenta as aproximações teóricas do tema da pesquisa aos quatro pilares responsáveis para a formação do arquiteto e urbanista (História e Teorias, Projeto Arquitetônico, Tecnologia e Construção e Planejamento Urbano) e, para melhor incluir sobre o tema do trabalho, o capítulo apresenta algumas fundamentações teóricas, que envolvem a conceituação breve de arquitetura e urbanismo e a atuação do profissional atualmente, a sociedade contemporânea, e apresentação de espaços de fragilidades.

### 1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

O início da arquitetura surgiu com o nascimento das cidades, que por sua vez só foi possível graças à alimentação por terras agrícolas que a serviam (GLANCEY, 2001, p.14). Nesse sentido, os primeiros sítios habitáveis se desenvolveram, principalmente, em áreas de solos férteis, entre os rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, rio Nilo no Egito, Hindus no Paquistão e rios Amarelo e YangTsé-Kiang na China, por exemplo (ABIKO, ALMEIDA, BARREIROS, 1995, p.3).

Segundo Benevolo (1993, p.32) a partir do terceiro milênio, as cidades da Mesopotâmia se desenvolvem economicamente, tendo que por sua vez o início de centros econômicos, ou seja, capitais. O mesmo autor ainda diz que o que favorece o crescimento de uma cidade é o aumento de serviços e indústrias evolui.

Com as cidades crescendo, a sociedade precisou se organizar juntamente com o Estado, Grécia foi pioneira nessa organização. Benevolo (1993, p.75) afirma que no novo ambiente se formou uma nova cultura, que segue como base da atual tradição intelectual. A organização da *polis*, a cidade – Estado trouxe grandes resultados para a cultura social, como literatura, ciência e arte.

No entanto, é apenas a partir da Revolução Industrial que o cenário urbano se altera de maneira rápida, trazendo muitas conseqüências que se refletem até os dias atuais. “A sociedade industrial é urbana”, disse Choay (1992, p.1) e complementa que a sociedade industrial é especialista em planejamento urbano, mas ao mesmo tempo produz

metrópoles, conurbações, cidades industriais e grandes conjuntos habitacionais, resultando em um urbanismo contestado e com questionamentos.

Portanto, a partir do cenário Revolução Industrial o meio urbano apresentou desvantagens de ordem física, como o congestionamento do tráfego devido muitas pessoas saírem do campo para as cidades e a insalubridade por falta de infraestrutura. No final do século XIX, os problemas da cidade industrial cresceram de maneira desorganizada, incapaz de serem eliminados por completo (BENEVOLO, 1993, p.552).

Devido esse aumento rápido da cidade, a mesma sofre transformações, o núcleo, centro com um aglomerado muito maior de pessoas com estrutura já formada desde a Idade Média, onde contem os principais monumentos e edifícios de caráter público, surge a periferia, local das classes mais pobres que abandonam o grande centro para viverem em casas velhas com os recém imigrantes (BENEVOLO, 1993, p.565).

O autor complementa que a cidade industrial perde a uniformidade da cidade antiga, não existindo mais um ambiente comum, por conta da diferença de classes sociais divididos em diversos bairros – ricos, médios, pobres – e as famílias vivendo mais isoladas possíveis.

Com o agrupamento de inúmeras casas em um ambiente reduzido impediam o descarte dos restos e o desenvolvimento das atividades em meio público, ou seja, nas ruas corriam o esgoto descoberto ao mesmo tempo em que se acumulava o lixo, os animais e pessoas transitavam e as crianças se divertiam. Além disso, os bairros em desvantagens se localizavam próximos das indústrias e estradas de ferro, longe de áreas verdes (BENEVOLO, 1993, p.566).

O período pós-industrial no final do século XIX nos países industrializados foi marcado pelo avanço urbano e descontrole espacial advindo do crescimento econômico. (ANDRADE, 2003, s.p). Portanto, devido ao grande número de problemas nas cidades, idealizadores e urbanistas em seus encontros discutiam soluções para tornar a cidade mais funcional e organizada. Uma das soluções foi trazida por Ebenezer Howard no final do século XIX propondo o movimento das Cidades – Jardins na Inglaterra (ANDRADE, 2003, s.p).

A proposta utópica de Howard em relação às cidades – jardins foi um esforço de resolver os problemas vindos com a industrialização por meio do desenho urbano para que as cidades tivessem a mínima distância com o campo. Uma verdadeira relação cidade-campo com as qualidades que cada uma poderia oferecer as oportunidades e entretenimento com a tranquilidade e beleza do campo. Com isso, a mobilidade das pessoas seria de forma natural

como um imã para a cidade próxima a natureza, considerada para a época uma fonte de renovação, felicidades e energia (ANDRADE, 2003, s.p).

Posteriormente a proposta de Howard, no ano de 1933, Le Corbusier apresentou No Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), a Carta de Atenas que propunha que a cidade deveria possuir quatro funções: habitar; trabalhar; circular e cultivar o corpo e o espírito, e como objetivo: a ocupação do solo, a organização da circulação e a legislação (BENEVOLO, 1993, p.630).

Diante disso o espaço urbano se torna importante e Corrêa (s.d., p.1) conceitua como um conjunto de diversas terras sobrepostas entre si. Especificamente áreas distintas entre si, como: central; comercial; serviços e gestão; áreas industriais e residenciais, diferentes em termos de formas e temática social; áreas de recreação, e outras com preparadas para a expansão territorial. Esse agrupamento de usos da terra se determina como a organização da cidade ou apenas como o espaço urbano fragmentado. Dessa maneira, o espaço urbano organizado nesse sentido representa a sociedade, ou seja, articulado e fragmentado, reflexo e condicionante social, um conjunto de representação e terreno de lutas. E os responsáveis que atuam como agentes sociais que fazem e refazem as cidades são: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; os grupos sociais excluídos; profissionais atuantes em planejamentos urbanos.

Pereira (2010, p. 181) diz que devido essa revolução demográfica urbana, houve o amadurecimento em relação a diversos temas sociais, com a vinda de novos materiais foi possível a inicialização de programas de edifícios. Essa nova visão da sociedade advinda dessa revolução científica e industrial, a qual partiu do contexto vivido, o Iluminismo.

Na arquitetura não foi diferente, Pereira (2010, p. 182) completa que a ruptura com o clássico se deu nessa mesma época, com o espírito científico a arquitetura estava empenhada em investir no novo, voltando para si e realizando uma revisão conceitual.

A ideia de sensações e se sentir bem com o espaço em que habita se tornou cada vez mais importante para projetar e pensar as cidades.

Portanto, Gehl (2015, p.63) afirma que o que importa para uma cidade não são o número de pessoas que nela habitam ou o próprio tamanho da cidade, mas sim as sensações e significado que os espaços possuem.

Nessa atuação da globalização, a cidade contemporânea se encontra em uma discussão entre metrópole individualizável e a aldeia global, entre a convergência e a divergência (PEREIRA, 2010, p.308).

Pereira (2010, p. 309) complementa que o antagonismo da discussão entre utopia e realidade, encontra sua conexão no valor da metrópole como um grupo de multiforme de funções, conexões e intercâmbios, porém, desta vez como sistema físico em constantes mudanças.

## 1.2 ARQUITETURA E URBANISMO

Arquitetura é dividida por Silvio Colin (2000, p.21) em três pontos principais: entendida como uma profissão de nível superior, com estudo nas áreas técnicas, de humanidades e de treinamento; um produto cultural antropológico, cuja arquitetura de povos anteriores aos nossos mostram sua civilização, hábitos, sociedade e conhecimento técnico; e como arte, em que todo o processo de produção obteve excelência estética, ou seja, em que o arquiteto usou o conhecimento, sensibilidade e talento.

Zevi (1996, p.17-18) define arquitetura como a existência do vazio, do espaço encerrado onde o homem consegue adentrar e viver. As quatro fachadas por mais que possam ser belas, mas possui a caixa, o invólucro mural onde está encerrada a joia arquitetônica, o espaço, é como uma grande escultura escavada, em que o homem penetra e caminha sobre seu interior, ou seja, o espaço como protagonista da arquitetura.

Tuan (1983, p.83) afirma que quando um espaço nos remete a familiaridade, ele se nomeia lugar. E complementa que quando a experiência cinestésica<sup>1</sup> e perceptiva assim como a aptidão para efetuar conceitos são requisitos para as modificações quando o espaço é considera grande.

Zevi (1996, p. 24 - 26) diz que uma bela arquitetura é aquele que possui um espaço que nos atrai, nos eleva, ou seja, que tenha uma sensação boa de estar dentro dele e que a arquitetura feia é aquela que nos repele, ou seja, nos entristece nos cansa e nos faz querer sair dela. Uma decoração considerada bela, nunca criará um espaço bonito, também é correto dizer que um espaço quando não apresentar um tratamento adequado sobre suas paredes, não

---

<sup>1</sup>Terceiro subsistema do sistema hepático envolve componente como a posição do corpo, o movimento propriamente dito e as sensações dos movimentos percebidas pelo corpo. A parte do corpo que envolve as sensações da cinestesia são os músculos (NEVES, 2017, p.57-58).

transmitirá um ambiente agradável e admirável. Tuan (1983, p.114) complementa que o espaço construído pelo homem pode aguçar as sensações e a percepção humana. E ressalta a sobre a inteligência humana de analisar, mesmo sem forma arquitetônica, a diferença de exterior e interior, fechado e aberto, escuridão e luz, privado e público. O meio construído indica as funções sociais e as relações. As pessoas se sentem melhores em ambientes construídos pelo homem ao invés de ambientes da própria natureza. E finaliza dizendo que a arquitetura “ensina”.

Seguindo o pensamento de Colin (2000, p. 25-28) o edifício é quem constitui a paisagem da cidade e a arquitetura é a arte do contato obrigatório, ou seja, não é uma arte procurada em galerias ou exposições é uma arte presente nas ruas, um contato visual constante. Mas, para ela ser considerada uma obra de arte, o edifício deve além do entendimento técnico, apresentar também demandas utilitárias, bom uso dos espaços, promover sensações, instigar a contemplação e observação das formas, a textura, jogo de luz e sombra, as cores, a sua leveza ou solidez. Só assim, poderá ser considerada uma obra de arte.

Ainda, o mesmo autor constata a arquitetura se difere das outras artes por possuir um contato obrigatório, uma vez que está presente nas ruas, junto da sociedade e da vida cotidiana de maneira freqüente e impositiva. Para que ela seja vista como arte, faz-se necessário que seja observada.

Já o urbanismo, composto pelo conjunto de arquitetura se inicia quando surgem às cidades, que partir do cultivo da terra em terras antigas a cidade surge, onde ergueram suas moradias, santuários e templos que por fim permaneceram (GLANCEY, 2000, p.14). Benevolo (1993, p.23) expressa que a cidade nasce de uma aldeia, a qual a maneira que os meios de cultivo, serviços e indústrias evolui, a sociedade também criando assim classes sociais.

Com as cidades crescendo, a sociedade precisou se organizar juntamente com o Estado, em que a Grécia foi pioneira nessa organização. Benevolo (1993, p.75) afirma que no novo ambiente se formou uma nova cultura, que segue como base da atual tradição intelectual. A organização da *polis*, a cidade – Estado trouxe grandes resultados para a cultura social, como literatura, ciência e arte.

Nunes e Lacerda (2016, p.7) explicam que o urbanismo desde a sua origem se acentua a partir de procurar respostas diante dos caos urbanos freqüentes, principalmente nos tempos de globalização, que se afirma como organizador no crescimento das cidades, mas ao

mesmo tempo como responsável expressivo na transformação do espaço urbano, já em relação às cidades, como mercadoria. Em relação à infraestrutura e serviços públicos no urbanismo contemporâneo, o mesmo atua como planejador urbano, junto o apoio direto ou indireto do Estado.

O termo urbanismo é:

Quase que empregado exclusivamente nas situações onde irá se desenhar ou projetar uma nova cidade, a partir de um espaço desocupado e vazio. Esse fato não ocorre, especialmente nos países em desenvolvimento, onde se procura uma ação urbana sobre o existente, com recursos limitados e com todas as condicionantes de natureza social e política. Nessa direção, a ação urbana cada vez mais distancia-se do urbanismo clássico para aproximar-se de um entendimento da cidade enquanto um empreendimento (ABIKO, ALMEIDA, BARREIROS, 1995, p.45).

A cidade não é algo recente e sim o resultado de um contexto histórico. Com o aumento das migrações de caráter êxodo rural, as cidades sofreram modificações consideradas que refletem a sociedade até os dias de hoje. Portanto, nas últimas décadas o ritmo de crescimento das cidades está sendo muito superior em relação ao passado, ultrapassando até mesmo as previsões das autoridades públicas, ou seja, dificultando cada vez mais a capacidade de equilibrar os problemas e meios disponíveis para desenvolver nossas soluções de grande impacto de maneira eficaz (ABIKO, ALMEIDA, BARREIROS, 1995, p.45).

Devido o grande número de pessoas chegando às cidades, o espaço incha forçando a nova população a se distribuir em locais periféricos, abandonados e sem infraestrutura adequada. A questão da habitação atual nos grandes centros urbanos mostra na maioria das vezes soluções encontradas pela própria população pauperizada para solucionar o problema da falta de um “teto” digno, muitas das vezes em situações de cortiços, barrancos de favelas, condições inadequadas nas periferias (ABIKO, ALMEIDA, BARREIROS, 1995, p.45).

A cidade tem como responsabilidade satisfazer às necessidades de sua população como todo, onde há pessoas deve haver infraestrutura, transporte acessível e de qualidade, lazer, educação entre outros serviços indispensáveis para se viver na cidade. Para que isso ocorra, deve haver uma gestão urbana digna e presente na vida de todos. (ABIKO, ALMEIDA, BARREIROS, 1995, p.45).

### 1.2.1 Atuação do arquiteto e urbanista e sua função social

Freitas (2014, s.p) afirma que o direito a moradia digna foi penhorado e fixado como pressuposto a dignidade humana, desde 1948, com a Declaração Universal dos Direitos

Humanos e foi recebido e propagado na Constituição Federal de 1988, por advento da Emenda Constitucional nº 26/00, em seu artigo 6º, “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” O arquiteto tem papel primordial no cumprimento dessa declaração, pois de acordo com SINDARQPr<sup>2</sup> (s.d., s.p) o arquiteto e urbanista é responsável pelo espaço construído, é seu papel ser um agente estimulador na transformação dos desejos de uma sociedade e motivação de elementos construídos em espaços habitáveis. Espera-se do profissional que o mesmo se curve diante da cidade e pense da melhor maneira a projeção de espaços com responsabilidade social

O arquiteto tem total responsabilidade na constituição da cidade, Paulo Mendes da Rocha (apud FAENG, s.d., s.p) diz que “a cidade deve constituir uma estrutura de amparo à vida, levando em conta suas várias dimensões – habitação, comércio, serviços, transporte, lazer e trabalho”. Complementa que a função se fundamenta na dominância do interesse público em relação à disposição do privado na prática de uma atividade. A arte, a ciência ou a arquitetura estarão cumprindo sua função social quando sua prática produzir resultados que colaborem para a construção do bem comum.

Artigas (2018, apud Santos, p.16) ressaltam as diversas responsabilidades sociais que exigem a profissão, sendo uma delas a quebra de obstáculo entre a assistência técnica do arquiteto à população de baixa renda, como também a de assegurar os direitos que envolvem leis de acesso à habitação digna e das cidades como forma de benefício e evolução da sociedade.

No cenário mundial há diversos arquitetos que se destacam por irem além ao cumprimento de seu papel social, um exemplo é o arquiteto chileno Alejandro Aravena<sup>3</sup>. Ele ficou conhecido por se dedicar à arquitetura de habitação social, envolvimento em políticas públicas habitacionais e normas para o mercado com foco no giro de oportunizar grandes impactos de alcance. Aravena explica que o impulsionou para tal projeto foram às modificações em empréstimos públicos quanto privados que ocorreram em 2001, então o

---

<sup>2</sup>Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas no Estado do Paraná – sindARQ- PR, inicialmente Associação Profissional dos Arquitetos no Estado do Paraná – APA/PR, teve início com a necessidade dos profissionais de Arquitetura do Paraná de se sindicalizarem enquanto categoria, como deliberavam os Encontros Nacionais de Arquitetos (SINDARQ, s.d.).

<sup>3</sup> Nasceu em 1967 em Santiago, foi professor da Harvard. Destacando sua capacidade de ampliar o campo de ação do arquiteto para alcançar soluções que permitam melhorar os contextos urbanos e fazer frente à crise mundial de habitação, o júri selecionou o arquiteto chileno Alejandro Aravena como vencedor da edição de 2016 do Prêmio Pritzker (ARCHDAILY, 2016).



arquiteto e sua equipe projetaram unidades sobrepostas na altura para acomodar as 100 famílias. O diferencial do projeto foi a preocupação com a identidade de cada família, ou seja, Aravena permitiu que as habitações fossem ampliadas da maneira que cada família achasse melhor, esse foi o diferencial do projeto ganhador do Prêmio (CAU/BR<sup>4</sup>, 2016, s.p).

Outro nome que se destaca no cenário arquitetônico é o japonês Shigeru Ban<sup>5</sup>. Sua arquitetura é pautada na aplicação e usos de materiais poucos convencionais, mas sem perder a sofisticação estrutural. Atua em diversos projetos para ajudar populações em situação de riscos de desastres ambientais e afins, elaborando residências rápidas econômicas e sustentáveis para pessoas sem teto ou refugiados (DOROTEO, 2016, s.p).

Salado e Sichieri (2006, p.4) complementam sobre a preocupação de Shigeru Ban na sua atuação atual. Para ele, o arquiteto pensa que enquanto muitos chamam os menos necessitados de minoria, em geral esse grupo menosprezado representa muito mais e se torna um desafio para a comunidade de arquitetos.

Recentemente o arquiteto Ronald Rael, juntamente com sua equipe, ficou conhecido por colocou em prática seu projeto social. O arquiteto instalou gangorras entre o muro que divide a fronteira do México com os Estados Unidos, de maneira que crianças dos dois lados pudessem brincar e interagir, em protesto contra políticas migratórias (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019, s.p).

No Brasil, o arquiteto Ruy Ohtake atua com ênfase na arquitetura social, em entrevista ao CAU/BR (2018, s.p) o arquiteto diz que “Quando atua em programas sociais, o arquiteto tem que assumir duas atitudes: como técnico e como cidadão. É fundamental conversar com a comunidade, sentir o que os moradores pensam não se fechar em um escritório para projetar de forma isolada” (CAU/BR, 2018, s.p).

O arquiteto ainda critica o programa do governo federal “Minha Casa Minha Vida” comparando a uma plantação de alfaces, ou seja, todas iguais.

---

<sup>4</sup> O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal – CAU/UF foram criados com a Lei nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010, que (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA CAU/BR, s.d.).

<sup>5</sup> Shigeru Ban, nascido em 5 de agosto de 1957, é um arquiteto japonês vencedor do Prêmio Pritzker 2014 por sua significativa contribuição às inovações na arquitetura e filantropia. Sua habilidade de em aplicar conhecimentos convencionais em diferentes contextos resultou uma obra caracterizada pela sofisticação estrutural e uso de técnicas e materiais pouco convencionais (ARCHADAILY, 2016).

Sobre a atuação do arquiteto e urbanista em diversas áreas no Brasil, uma pesquisa realizada pelo CAU/BR em parceria com o Instituto Datafolha<sup>6</sup>, entrevistou cerca de 2.419 pessoas no Brasil sobre a contratação de algum arquiteto ou urbanista ou especialista para reforma ou construção. O resultado da pesquisa apontou que 54% da população economicamente ativa já construiu ou reformou imóvel residencial ou comercial. Dessa porcentagem, 85,40% realizaram o serviço por conta própria ou com o auxílio de pedreiros ou mestres de obras conhecidos. Somente 14,60% contratou algum arquiteto ou engenheiro. Geralmente, a contratação de profissionais especializados está vinculada à renda e à escolaridade. De acordo com esse parâmetro, enquanto 26,2% da população economicamente ativa com nível superior construiu ou reformou com ajuda especializada, esse índice é de 9,50% para a população com nível de escolaridade fundamental. Em relação às classes AB, 25,80% utilizaram profissionais habilitados. Apenas entre as pessoas da classe A, essa taxa pula para 55,30% (CAU/BR, 2015, s/p).

Outra pesquisa recente também realizada pelo CAU/BR com parceria ao Instituto Datafolha mostrou sobre o perfil profissional do arquiteto e urbanista. 1500 arquitetos e urbanistas e 500 empresas foram entrevistadas. De acordo com as principais atividades exercidas nos últimos dois anos, dos arquitetos e urbanistas, 87% trabalham com projetos de arquitetura, 68% com arquitetura de interiores e execução de obras foram 64%. Os restantes da porcentagem foram em projetos complementares (49%); gestão e consultoria (30%); paisagismo (28%) e serviços públicos (23%).

Em relação às empresas, 89% atuam com projetos de arquitetura, 71% com arquitetura de interiores; execução de obras foram 58%, 57% com gestão e consultoria, com projetos complementares 43% e paisagismo 30%. Apenas 18% dos entrevistados as empresas disseram terem realizados trabalhos com habitações de Interesse Social (CAU/BR, 2019, s/p).

De acordo com Ribeiro (2016, s/p) o curso de Arquitetura e Urbanismo no Brasil é considerado um dos mais elitizados entre as universidades. Dessa maneira o arquiteto passou a servir para os mais ricos, ignorando sua função social e atuação com os espaços urbanos.

Existe um distanciamento social entre arquiteto e a população de baixa renda, justamente pela elitização da profissão por parte da sociedade e dos próprios arquitetos, que se enquadra em uma profissão para as demandas grandiosas (NOGUEIRA, 2010, p.30).

---

<sup>6</sup> O Datafolha foi criado em 1983, ainda como departamento de pesquisas e informática do Grupo Folha da Manhã, com o objetivo de oferecer conteúdo e servir como ferramenta de planejamento para o jornal Folha de S.Paulo e outros veículos e serviços da empresa (DATAFOLHA, s.d.).

### 1.3 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A contemporaneidade é uma singular compatibilidade com o próprio tempo, que pratica e ao mesmo momento toma distância, em que adere através de um rompimento e um ultrapassado (HONESKO, 2009, p.59)

A sociedade contemporânea possui inúmeras características heterogenias, como por exemplo: a globalização, os conflitos de classes, a falta de identidade e o apelo pelo trabalho. A globalização pode ser considerada um fator que une como também divide e divide enquanto une (BAUMAN, 1999, p.8). Sobre a globalização das cidades, Pereira (2010, p.308) diz que a cidade contemporânea se encontra em uma discussão entre metrópole individualizável e a aldeia global, entre a convergência e a divergência.

Ou seja, o autor sugere que as diferenças se encontram com maior êxito nas megalópoles, pois se produzem em uma escala regional problemas urbanos e socioeconômicos, de infraestrutura e desenho urbano.

Segundo Santos (2000, p.18) a globalização se próprio nomeia como perversa, diante de tantas mudanças no mundo que se torna unificadas, em recorrência das novas técnicas, a base concreta para uma ação humana universal. Assim, impõe grande parte da sociedade á globalização perversa.

Bauman<sup>7</sup> (1999, p. 24-25) diz que a globalização impôs um terceiro espaço, o *cibernético* vindo da rede mundial de informática. Diante de tal fator para alguns, podem se mover para quando lugar, localidade sem se quer sair do lugar que estão. Para outros, que estão fora desse novo espaço, apenas observam e a única localidade que podem habitar é advindo dos próprios pés.

Em relação à sociedade contemporânea e a experiência com o trabalho, Durkheim (s.d, apud Proni, p.3) analisando a transição da sociedade tradicional para as modernas, privilegia complexidade da divisão do trabalho social, que expande as diferentes entre as pessoas e conduz para o processo de individualismo. E ainda, para Durkheim é no meio de trabalho que se desenvolver que se instrumentam de maneira básica valores como a interdependência e a solidariedade. Á medida que aumenta a individualidade, cresce a importância de princípios sociais e regulamentações, ou seja, que confirmam o funcionamento regular do organismo social.

---

<sup>7</sup> Zygmunt Bauman é professor emérito de sociologia das Universidades de Leeds e de Varsóvia e reponsável por uma produção intelectual em pleno andamento (SCIELO, 2014).

Mussi (s.d., p.3) complementa sobre as relações pessoais de trabalho que com o ganho e ascensão social, o trabalho foi indicado como condutor do aumento da monetarização dos laços sociais e de responsabilidade das relações cooperativas no meio social; na qualidade de experiência produtiva por excelência, comprometido pela reparação pessoal e realização de potencialidades humanas, o trabalho foi interrogado pela sua apropriação pelo capital e pelo ajustamento incomum de tarefas.

De maneira inédita a arquitetura se mostra interessada diretamente destinada aos pobres, ao contrário de antes ser reservado á satisfazer as classes dominantes (MUSSI, s.d, s.p). Portanto o cenário atual aponta diversas diferenças de classes sociais no meio urbano.

De acordo com Debord (1997, p.113) o urbanismo é a satisfação moderna do emprego constante que salvaguarda o poder da classe, ou seja, a manutenção da fragmentação dos trabalhadores que as circunstâncias urbanas de produção tinham reunidos.

Seguindo Bauman (1999, p. 19) ressalta que tanto no passado como nos dias de hoje, que os ricos e poderosos tendem a possuir uma inclinação cosmopolita que o restante da população, criando uma cultura própria, desprezando as classes menos favorecidas.

Campos e Canavezes (2007, p.82) apontam que o dual problema de pobreza no mundo, está ligado á desigualdade global e a desigualdade de rendimentos extremamente elevados. E mostram:

Dos 73 países para os quais existe informação disponível, 53 (que representam mais de 80% da população mundial) viram a desigualdade de rendimentos crescer, enquanto que apenas 9 países (representando apenas 4% da população) viram a desigualdade de rendimentos diminuir (CAMPOS, CANAVEZES, 2007, p.83).

Complementa Debord<sup>8</sup> (1997, p. 37) que o espetáculo de uma sociedade moderna, está paralelo ao unido e dividido. E explica que a contradição oficial está vinculada a luta de poderes que concebe o sistema socioeconômico.

O mundo pós-moderno está se organizando para a vida sob uma condição de incerteza que é constante e irredutível. Muitas características da vida contemporânea auxiliam para superar as sensações de incerteza, para uma visão do futuro de um “mundo ao nosso alcance” (BAUMAN, 1998, p.32). É característica marcante da sociedade

---

<sup>8</sup> Guy Debord foi um escritor francês que comandou a Internacional Situacionista, grupo de intelectuais críticos da sociedade daquela época, que tinha como base teórica sua maior obra: "A Sociedade Do Espetáculo" (SIQUEIRA, Vinícius, s.d, s.p).

contemporânea entre homens e mulheres de viverem de forma permanente com o “problema da identidade” não resolvida (BAUMAN, 1998, p.38).

### 1.3.1 Espaços de fragilidades sociopolíticas e econômicas

As questões de fragilidades sociopolíticas e econômicas estão diretamente ligadas ao modo de governo, imposição política e ignorância por parte do Estado. O conceito da palavra sociopolítico quer dizer: “relativo ao que é, ao mesmo tempo, social e político; que possui tanto aspectos sociais quanto políticos: análise sociopolítica de uma sociedade” (DICIO, s.d., s.p).

No Brasil, a Constituição de 1988 lançou bases para modificações na intervenção social do Estado, aumentando o arco dos direitos sociais e a área de proteção social sob obrigação do Estado, com impactos importantes ao desenho das políticas, conceito de beneficiários e benefícios. O acréscimo das situações sociais de reconhecimento de garantias legais da proteção estatal significava a ampliação da responsabilidade pública diante dos problemas em que enfrentava que se dava parcialmente ou integralmente ao espaço privado. Essa intervenção tinha como objetivo referente às leis complementares de normatizar a ampliar o terreno da vida social, de oportunizar a população como de enfrentar condições de destituição de direitos, riscos sociais e pobreza (JACCOUD, 2005, p.182).

No cenário nacional, entende-se como uma questão de extrema importância uma vez que o déficit habitacional é alarmante e as condições de vida das pessoas nas grandes cidades em periferias e áreas de degradação também. A questão habitacional no Brasil está diretamente ligada ao seu processo de urbanização, diante de aspectos sociais, políticos, econômicos e ideológicos, ou seja, um processo a longo prazo (MONTEIRO, VEGAS, 2017, s.p).

O crescimento populacional foi decorrente a expansão das cidades e os fluxos migratórios rural-urbano, onde as pessoas se deslocavam para a cidade a procura de novas oportunidades, resultando no inchaço das cidades. Por consequência a precariedade das habitações e exclusão social (MONTEIRO, VEGAS, 2017, s.p).

A origem dos problemas habitacionais hoje enfrentados começou com a industrialização das cidades e com isso nos grandes centros urbanos o surgimento das favelas.

De acordo com Aurélio (2010, p.112) uma definição básica do dicionário da língua portuguesa favela significa “conjunto de habitações toscas e miseráveis, geralmente em

morros e onde habita gente pobre.” Essa definição possui um olhar precário urbano que transmite uma culpa de indivíduo e um descaso do Estado no que se refere á políticas públicas, por falta de saneamento básico e serviços necessários principalmente á essa população (TOLEDO, 2018, p.3).

Partindo dessa definição trata-se de entender como e porque surgiram as favelas. No final do século XIX e início do século XX especificamente na cidade do Rio de Janeiro devido à multiplicação de indústrias as pessoas foram atraídas em busca de novas oportunidades de trabalho e melhores condições de vida, dando início as vilas operárias construídas pelos próprios donos das fábricas. Com o grande número de migrações houve uma explosão demográfica, transformando essas vilas em grandes cortiços, nos quais atraíram muitas doenças por conta da insalubridade, sendo vistos agora como um problema para as cidades. A partir disso, essa população foi obrigada a se retirar para parques proletariados. (TOLEDO, 2018, p.5).

Através desse programa de remoção, a especulação imobiliária se fez presente e com o aumento dos aluguéis e custo de vida no centro, essa população teve que se afastarem para a periferia, mesmo com condições precárias, os moradores ainda levantavam suas próprias casas fora do expediente de trabalho, única opção de habitação, na época ( Figura 1). Sem fiscalização por parte do governo que ao contrário incentivava esse tipo de construções, objetivando não ter compromisso com esse tipo de população, fornecendo somente infraestrutura para o centro, onde habitava a elite (TOLEDO, 2018, p.6).

Figura 1: Início das favelas no Rio de Janeiro, 1912.



Fonte: Governo do Rio de Janeiro. Autor: Augusto Malta.

Na década de 1930, as favelas faziam parte do desenho urbano, mas estavam invisíveis das estatísticas. Somente a partir dos anos de 1940 que as favelas começaram a serem vistas com preocupação diante dos poderes públicos, que passaram a incluir ao espaço urbano e pensar em planos. Durante o período militar, foram adicionados planos que aceleravam a indústria e a economia e como consequência as desigualdades e segregação das favelas (TOLEDO, 2018, p.8).

Nos anos de 1970 que as moradias se verticalizaram nos morros, devido à crise mundial economia ter afetado o país com a ajuda das mídias e da própria população favelas planas no centro do Rio de Janeiro foram destruídas. Nos anos de 1980, um novo termo surgiu a “nova favela” por conta da estagnação dos setores produtivos e o aumento da inflação, fez com que classes médias falidas fossem para as novas favelas. Diante disso, a estrutura de favela mudou e o comércio se fez presente, de acordo com a necessidade de seus moradores e o governo subiu para o morro saneamento básico e energia elétrica. Na década de 90, o auge das desigualdades e da pobreza fez com que manifestações sociais desmoronassem, tendo assim nas favelas a presença da violência que se espalhou para o restante da cidade (TOLEDO, 2018, p.9).

Com o decorrer a história esses problemas foram somente aumentando, refletindo até os dias atuais, a habitação de maneira irregular e a falta dela ainda é um grande problema a ser resolvido.

A página da internet Estadão (2019, s.p) mostrou que o Déficit Habitacional no Brasil se torna record, por motivos de queda de crédito nos financiamentos imobiliários e o aumento do desemprego no país. Uma pesquisa feita pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) com o apoio da Fundação Getulio Vargas (FGV) apontou um crescimento no déficit habitacional de 7% em dez anos, atingindo cerca de 7,78 milhões de unidades habitacionais em 2017.

Para combater esse Déficit Habitacional no país e fornecer moradia às famílias de maneira mais acessível, em 2009 foi criado o programa social “Minha Casa Minha Vida” do governo Federal, com o desígnio de promover 1 milhão de moradias para a população com renda mensal de até 10 salários mínimos (SAPORITO, 2015, p.28). Porém as qualidades nos projetos deixam muito a desejar para quem interessa de fato, favorecendo os interesses do setor privado. Dessa forma, acabam criando uma cidade segregada e sem a devida atenção, apenas fazendo para atender uma demanda, sem infraestrutura de qualidade, transporte acessível e oferta de serviços urbanos (BARATTO, 2014, s.p).

O arquiteto brasileiro Ruy Ohtake crítica o PMCMV, pois para ele ao atuar com a arquitetura social o arquiteto deve ser além de técnico, cidadão. Ao contrário do que ocorre no programa do governo Federal que segundo Ohtake: “Foi um desastre. Parece uma plantação de alface, tudo igual. Apenas as empreiteiras ficaram satisfeitas, pois foram contratadas para fazer os projetos e as obras numa empreitada só” (CAU/BR, 2018, s.p).

Com relação á recuperação dos espaços públicos, Chakur (2018, s.p) ressalta da importância de dar vida a esses espaços como forma de ressuscitar a identidade da cidade, pois são neles que a vida cotidiana, troca de experiências acontecem.

Conceituar essa retomada da cidade de urbanidade é ao mesmo tempo dizer que “é urbano”, “ser civilizado” e qualifica a cidade.

Koury (2015, s.p) salienta a ideia de vitalidade urbana defendida por Jane Jacobs<sup>9</sup>, que se direciona para as questões de interação social, trazer vida aos espaços públicos, que esses sejam vividos, ou seja, a qualidade vibrante dos lugares. Jacobs ressaltava a diversidade de usos dos espaços e o quão de retorno benéfico trás a sociedade.

#### 1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo foram apresentados os fundamentos da arquitetura e urbanismo juntamente com seus pilares que formam a estrutura da área de atuação. Foi definido também o conceito de arquitetura e urbanismo na visão de autores renomados. Logo em seguida, a atuação do arquiteto e urbanista atualmente e sua função no exercício social. Diante do olhar crítico de alguns autores, foi denotada a sociedade contemporânea, a partir elencados espaços de fragilidades sociopolíticos e econômicas.

---

<sup>9</sup> Jane Jacobs, como é conhecida foi uma escritora e ativista política. Mudou definitivamente a forma de observar e analisar os fenômenos urbanos (PORTAL APRENDIZ, 2018).



## 2. CORRELATOS

Este capítulo apresenta três projetos arquitetônicos residências com finalidade na questão social da arquitetura assim como depoimentos referentes aos mesmos, pois para o estudo de caso, faz-se necessário estudar esses correlatos. O primeiro de grande relevância mundial, vencedor do Prêmio Pritzker do arquiteto chileno Alejandro Aravena. O segundo projeto de relevância nacional, Conjunto Habitacional de Heliópolis – Gleba G de autoria dos arquitetos Mario Biselli e Artur Katchborian. E por fim, o projeto residencial a “Casa da Vila Matilde” considerada a melhor casa do mundo pelo ArchDaily no ano de 2016 o projeto é do escritório Terra e Tuma Arquitetos Associados. A justificativa para a escolha de cada projeto como correlato, se refere ao fato de todos terem característica de intervenção para melhorias da qualidade de vida dos moradores. Dois dos projetos escolhidos, a Quinta Monroy e a Casa Vila Matilde, receberam prêmios importantes na área da arquitetura. Além disso, todos os projetos tiveram consequências positivas para o entorno. Pretende-se que a observação de cada correlato auxilie na análise do estudo de caso, obtendo resultados para a descrição da análise final em resposta ao problema de pesquisa.

### 2.1 QUINTA MONROY – IQUIQUE, CHILE

O projeto do Conjunto Habitacional Quinta Monroy foi o primeiro projeto do escritório Elemental<sup>10</sup>, liderado pelo arquiteto Alejandro Aravena<sup>11</sup>, realizado com parceria ao Programa do governo “Programa de Vivienda Social Dinámica sin Deuda” (PVSDsD) em Iquique, cidade entre o Oceano Pacífico e montanhas desérticas do Chile. A cidade é predominantemente plana e no nível do mar, com um centro histórico altamente turístico e ocupação variada (Figura 2).

---

<sup>10</sup> Escritório de arquitetura criado em 1994, parceiro do governo chileno com o projeto de habitação social “Programa de Vivenda Social Dinâmica sin Deuda” (PVSDsD) (JARDIM, 2017, p.6).

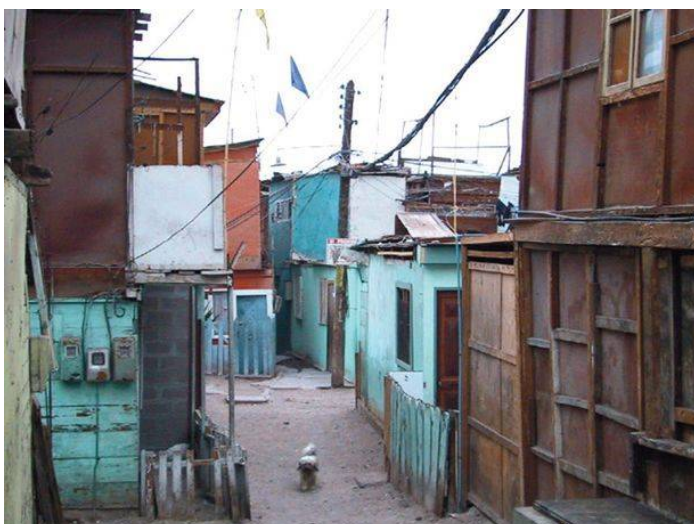
Figura 2: Localização da Quinta Monroy em Iquique, Chile.



Fonte: Google mapas (2019).

O terreno localizado na região central da cidade, entre o porto e a zona hoteleira, durante trinta anos até final do século XX foi ocupado por cerca de cem famílias de baixa renda com habitações irregulares – Figura 3 (JARDIM, 2017, p.6).

Figura 3: Quinta Monroy antes da intervenção.



Fonte: Arquitechne (2018).

Com a morte do proprietário do terreno, Ernesto Monroy, em 1995, ocorreu uma briga judicial pelo bem da área, onde os moradores lutaram pelo reconhecimento da comunidade e permanência da população no local. Em 2000, o terreno foi comprado pelo Programa Chile

Barrio com o intuito de construir habitações regulares para os habitantes que ali viviam a tanto tempo em péssimas condições (JARDIM, 2017, p.7).

O desenvolvimento do projeto teve como objetivo a mudança no cenário atual ali existente, ou seja, 60% das habitações não recebiam luz e ventilação direta, além de não terem acesso á rede de água e esgoto. Em suma, o projeto teve como missão a transformação da qualidade do bairro em que estava inserido, com infraestrutura necessária, com o intuito mais importante, o de manter a população em seu local depois de trinta anos alcançando uma valorização para a cidade (JARDIM, 2017, p.7).

A intensão do escritório foi o de manter a mesma quantidade de famílias que já habitavam o local com área total de 5.722 m<sup>2</sup>, ou seja, 93 famílias alojadas, com uma média de 3,5 pessoas por habitação, com um total de 325 pessoas (JARDIM, 2017, p.7). Além disso, foi considerado então, atender o maior número de habitações, acima de 30m<sup>2</sup> que fossem aptas ao crescimento por desejo do morador, que ficassem dentro do orçamento (JARDIM, 2017, p.8).

Diante dos estudos, nenhuma das alternativas habitaria o total da demanda. Por isso, se pensou em algo inédito, com o “Edifício Paralelo”, uma barra composta de térreos e últimos andares, em que os pavimentos pudessem se expandir para os lados, para cima e no mesmo nível, já com estrutura prevista para a ampliação – Figura 4 (JARDIM, 2017, p.8). Dessa forma, com casas de dois pavimentos, o escritório conseguiu inserir de maneira satisfatória 66 casas no terreno com entrada de luz e ventilação (JARDIM, 2017, p.7).

Figura 4: Quinta Monroy – projeto finalizado e autoconstrução.



Fonte: Arquitechne (2018).

Essa proposta remete ao início das habitações na Quinta Monroy em que os moradores construíram com a possibilidade de ampliação para oferecer á parentes ou amigos, um verdadeiro resgate histórico e cultural. O que poderia ocasionar a danificação do conjunto habitacional se converteu em uma maneira de expressão cultural e identidade para cada moradia. Sendo assim, com os 50% da edificação garantida por meio do governo, depois da autoconstrução cada habitação chegaria a 78m<sup>2</sup>.

Dessa maneira, a questão da identidade nas residências se faz presente. De acordo com o dicionário da língua portuguesa identidade quer dizer: “Conjunto das qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível sua identificação ou reconhecimento” (DICIO, s.d., s.p).

Com relação à escala urbana, explorou trazer nos pátios entre os edifícios (espaço público e privado), o espaço coletivo. Com a distribuição das edificações no terreno, criaram-se vazios que disponibilizaram quarenta e sete vagas de estacionamento em frente às casas, além de áreas de convívio e circulação (Figura 5). Formaram quatro vazios com quatro acessos diferentes de veículos e pedestres. No total somam-se 93 habitações, sendo 38 habitações com sua própria identidade no térreo e 55 no segundo pavimento (JARDIM, 2017, p.9).

Figura 5: Implantação – Quinta Monroy



Fonte: Arquitechne (2018).

Portanto, o projeto atendeu as demandas exigentes para a população, de maneira que a intervenção modificou o lugar e o modo como a comunidade vive, oferecendo melhores condições de vida.

### 2.1.1 Depoimentos

Veredice Gallardo de 80 anos vive em Iquique desde a década de 1980. Moradora da Quinta Monroy divide sua casa com mais dois netos e se sente grata pela comunidade ter conseguido essa nova etapa. Para ela, o projeto das residências gerou maior vínculo entre os vizinhos, além do reconhecimento ao trabalho dos arquitetos em conjunto com a comunidade: “Somos todos trabalhadores. Nos organizamos, fomos construindo pouco a pouco. Comparado á forma com que vivíamos antes, estávamos recebendo um palácio” lembra Veredice quando receberam as casas (ARQUITECHNE, 2018, s.p).

Praxedes Campos também é moradora da Quinta Monroy e conta sobre a rotina de seus vizinhos, a maioria trabalhadores que usam suas casas como dormitórios:

Desde as cinco da manhã já estão trabalhando na feira, ou vão á mineração às quatro da manhã. Também há carregadores da zona franca, pedreiros, e todos têm sua boa casa, comida, contas pagas, é comum que tenham automóveis. São pessoas que levantam muito cedo para trabalhar e que chegam muito tarde. Sábado e domingo vão á praia, levam suas caminhonetes carregadas com coisas e passam o fim de semana passeando (ARQUITECHNE, 2018, s.p).

Praxedes defende o projeto por ser uma luta vencida contra a adversidade e em questão a qualidade da estrutura que resistiu aos terremotos do ano de 2005 e 2014 que ocorreram no Chile. É ela quem recebe os arquitetos do mundo inteiro para visitar a Quinta Monroy e ver mais de perto a evolução do projeto (ARQUITECHNE, 2018, s.p).

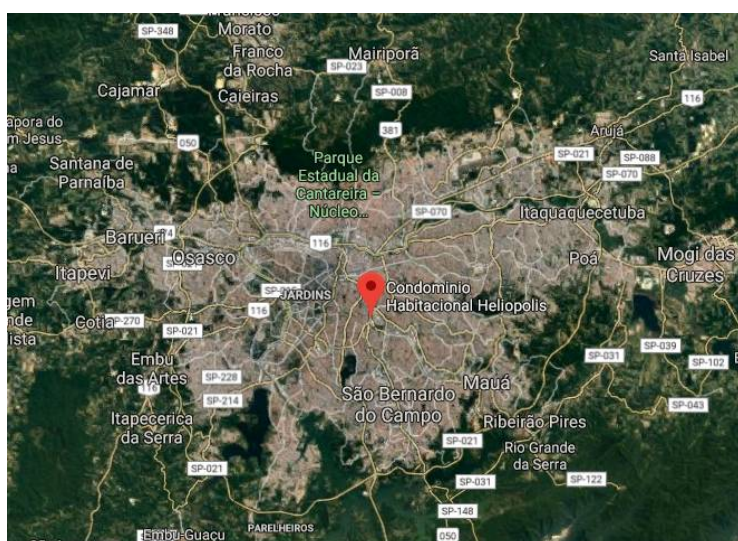
## 2.2 CONJUNTO HABITACIONAL DE HELIÓPOLIS GLEBA G – SÃO PAULO, BRASIL

Heliópolis, considerada a maior favela de São Paulo, localizada no bairro do Ipiranga, região Sudeste da cidade possui cerca de 65 mil habitantes. O início de sua ocupação aconteceu na década de 1970, como solução da mudança de família que moravam no bairro da Vila Prudente para um alojamento no local. Heliópolis vem estando presente em planos de intervenções urbanas com a finalidade de levar melhorias de infraestrutura (OLIVEIRA, PISANI, 2017, s.p).



Atualmente, a Secretaria de Habitação da cidade de São Paulo apoia um plano de intervenções sendo realizado em períodos pelo Plano de Municipal de Habitação (PMH), 2009 – 2024 que busca como princípios indispensáveis a moradia digna, justiça social, sustentabilidade ambiental, gestão democrática e gestão eficiente. Uma das glebas beneficiadas é a Gleba G, localizada no início da favela de Heliópolis, o Conjunto Habitacional da Gleba G faz conexão com a cidade formal e a cidade informal de São Paulo (Figuras 6 e 7) (OLIVEIRA, PISANI, 2017, s.p).

Figura 6: Localização do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G em São Paulo – SP.



Fonte: Google mapas (2019).

Figura 7: Conjunto Habitacional da Gleba G: conexão da cidade formal com a informal.



Fonte: Google mapas (2019). Organizada pela autora.

Remetendo á um contexto histórico sobre conjuntos habitacionais, como a moradia faz parte da arquitetura a qual compõe a cidade, o projeto reflete uma grande importância. Em relação ao histórico brasileiro, no que se diz respeito ao aspecto habitação, remete a proposta higienista da década de 1970, em que se relacionava com as propostas modernistas da Carta de Atenas de 1943. O arquiteto modernista Le Corbusier pregava uma interpretação do solo como uso coletivo, elevando os edifícios sobre pilotis. Mas na cidade de São Paulo, sempre se considerou o uso do solo como território privado. Sendo assim, o enfrentamento com a segregação espacial no cenário contemporâneo. O projeto da Gleba G objetivou romper com a ideia de segregação (OLIVEIRA, PISANI, s.d, s.p).

Os arquitetos, Mario Biselli e Arthur Katchborian, tinham como desafio abrigar uma demanda de 400 famílias já habitadas nos alojamentos, atendendo as exigências básicas de projetos habitacionais, além da moradia, equipamentos públicos e áreas comerciais, distribuídas no térreo dos edifícios como restrição de gastos e fácil execução. O projeto conseguiu oferecer 420 unidades habitacionais, com 50m<sup>2</sup> cada, totalizando uma área construída de 31.000m<sup>2</sup> aproximadamente (Figura 8) (HELM, 2011, s.p).

Figura 8: Implantação do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G.



Fonte: Archdaily (2011). Autor: Fábio Knoll.

O conjunto foi pensando como uma quadra urbana, com o espaço público protegido e prestação de serviços comerciais no térreo de cada edifício. A combinação cidade/espço fundamentou-se no conceito de “quadra europeia” com a implantação sem recuos, porém com pátio interno para o uso coletivo, com playground, bancos e jardins, acessados por meio de pórticos (HELM, 2011, s.p).

Com o aproveitamento máximo do terreno, se conseguiu a construção de sete a oito pavimentos, com circulação vertical em escadas. Devido à limitação do orçamento o desafio foi o de não contar com os serviços de elevadores e para isso usufruíram o máximo do desnível do terreno, criando acessos no terceiro e quarto pavimento com cotas de acessos principais, ligando os blocos com passarelas em estruturas metálicas (Figura 9). Uma estratégia muito usada em projetos de habitações sociais por conta do orçamento reduzido e a não utilização de elevadores. Com preocupação nos custos, a Secretaria de Habitação estabeleceu que se usassem blocos de alvenaria estrutural para a construção. Apenas a construção dos pórticos de acesso teve que ser feita em estrutura mista com concreto armado (BENEDETTI, 2017, p.8).

Figura 9: Passarelas em estrutura metálica.



Fonte: Archdaily (2011).

O uso de cores vibrantes na obra foi utilizado para identificar os acessos verticais, varandas e a circulação das travessias metálicas com o objetivo de trazer elementos arquitetônicos para as fachadas, além das portas balcão que trouxeram o dinamismo. Os pórticos em amarelo e o uso de cores leves, proposta de Biselli fez com que o conjunto habitacional transmitisse suavidade, alegria e um caráter contemporâneo (BENEDETTI, 2017, p.9).

Portanto, o alinhamento dos blocos em forma de quadras com os pátios internos trouxeram uma dupla função, um espaço de convivência entre os moradores do conjunto e os vizinhos do entorno e uma maneira de passagem e ligação para as duas partes do bairro, a nova e a preexistente. Os pórticos são convidativos para entrar e conhecer o conjunto assim



como, as passarelas surpreende ao mesmo tempo em que transmite leveza por conta do seu material.

### 2.2.1 Depoimento

Em entrevista, os arquitetos Mario Biselli e Arthur Katchborian comentam sobre as dificuldades que enfrentaram no projeto e os resultados obtidos. Para eles, foi um grande desafio produzir um conjunto de interesse social com a demanda tão grande de 420 habitações. Arthur até ressalta a dívida que deixamos na faculdade de projetar arquitetura de interesse social. O desnível do terreno foi a luz no fim do túnel para resolver o problema de verticalização sem o uso de elevadores, por isso a utilização de passarelas metálicas conseguindo chegar a um número superior do que o desejado.

Os arquitetos Mario Biselli e Arthur Katchborian também comentam sobre as dificuldades que enfrentaram no projeto e os resultados obtidos. Para eles, foi um grande desafio produzir um conjunto de interesse social com a demanda tão grande de 420 habitações. Arthur até ressalta a dívida que deixamos na faculdade de projetar arquitetura de interesse social. O desnível do terreno foi a luz no fim do túnel para resolver o problema de verticalização sem o uso de elevadores, por isso a utilização de passarelas metálicas conseguindo chegar a um número superior do que o desejado. Biselli ressalta a importância da estrutura em concreto moldado em loco nos pórticos e em relação aos elementos metálicos nas pontes foram necessárias para vencer o vão de 27 metros (ARQUITETURA, 2015, s.p).

Em relação à distribuição das plantas, Arthur Katchborian comenta de devido a quantidade de pessoas por família variarem de 5 a 11 pessoas, de acordo com a pesquisa pela equipe social do SEHAB (Secretaria Municipal de Habitação) se deu em dois tipos. O primeiro modelo de planta com dois dormitórios, espaço integrado de cozinha, estar e sacada. A segunda, para portadores de necessidades especiais, fica localizada no térreo com acesso para a rua. E ainda ressalta da área ser lembrada por seu abandono, mas que hoje se mostra um cenário totalmente contrário: "Existe um histórico de que esta é uma área que ninguém cuida, mas a realidade mostra-se outra. Hoje, o mais bacana é ver aquele pátio sempre ocupado. É o aposentado jogando seu joguinho, são as crianças brincando". (ARQUITETURA, 2015, s.p).

### 2.3 CASA VILA MATILDE – SÃO PAULO, BRASIL.

A Casa Vila Matilde se localiza no bairro Vila Matilde, zona Leste de São Paulo em aproximadamente 105 mil habitantes. Construído ao redor de uma estação de trem em 1921 que ligava Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais na escoação da produção de café (ESTADÃO, 2015, s.p). (Figura 10).

Figura 10: Localização Vila Matilde, São Paulo.



Fonte: Google mapas (2019).

Os arquitetos do escritório Terra e Tuma<sup>12</sup> foram os responsáveis pelo projeto. Eles foram acionados por um rapaz para a possibilidade de construir uma casa para sua mãe, empregada doméstica, de poucas posses que vivia em uma casa com condições ruins, pouca iluminação e ventilação e problemas de estrutura e salubridade (Figuras 11 e 12). Dona Dalva, vivia há décadas na Vila Matilde e não queria se mudar para outro lugar por conta da proximidade com familiares e amigos (CLUBMAN, 2015, s.p).

---

<sup>12</sup> Escritório de arquitetura localizado na cidade de São Paulo com atuação dos arquitetos Danilo Terra, Fernanda Sakano, Pedro Tuma e Juliana Terra.

Figura 11: Fachada antes da reforma.



Fonte: Archdaily (2015).

Dona Dalva conseguiu guardar dinheiro depois de muitos anos trabalhando como empregada doméstica para comprar sua casa própria. Uma simples casa, com problemas de distribuição de ambientes, pouca entrada de iluminação natural e ventilação, como também problemas estruturais e com infiltração que fizeram o teto cair (CAU/BR, 2016, s.p). No início de 2014 a casa apresentava fissuras e a obra deveria começar o quanto antes. A maior missão foi no começo da obra, a fase de demolição e ao mesmo tempo a fundação e arrimos que escoravam as casas vizinhas (CLUBMAN, 2015, s.p).

Figura 12: Condições da casa antes da reforma.



Fonte: Archdaily (2015).

O material utilizado para a construção da casa foi estrategicamente pensado por conta do baixo orçamento, por isso utilizaram blocos aparentes o que viabilizou o custo da obra e a rápida execução, em seis meses a casa estava pronta (CLUBMAN, 2015, s.p).

A casa está implantada em um terreno de 4,8 metros de largura por 25 de profundidade (Figura 13).

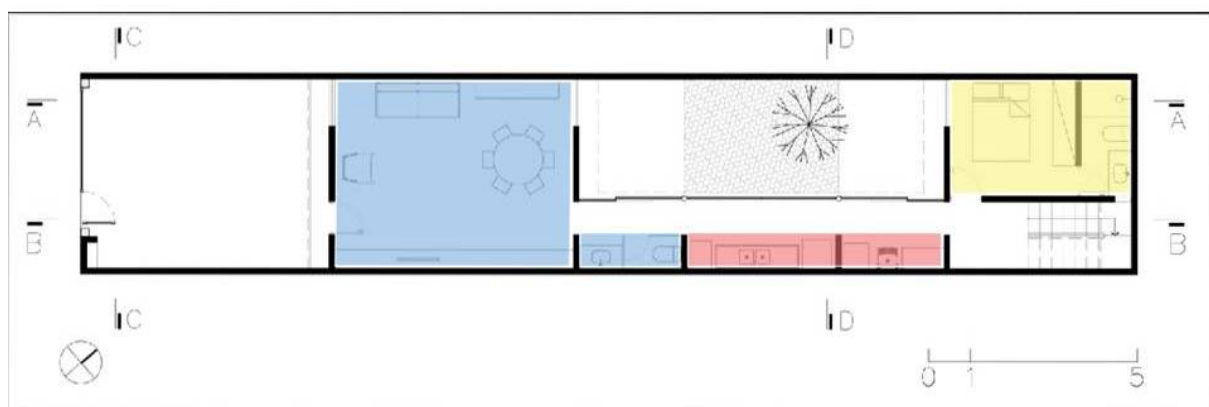
Figura 13: Implantação do terreno.



Fonte: Archdaily (2015). Cortada pela autora.

A distribuição do projeto se deu por uma casa térrea com lavabo, sala, cozinha, área de serviço e uma suíte para atender a demanda da moradora (Figura 14).

Figura 14: Planta baixa pavimento térreo setorizada.



Fonte: Archdaily (2015). Organizada pela autora.

**LEGENDA:**

- Sector Social**
- Sector Serviço**
- Sector Íntimo**

Um jardim interno na parte central da casa se divide sala para frente e dormitórios para os fundos (Figura 15). O jardim além de proporcionar iluminação e ventilação natural, também é uma extensão da cozinha e área de serviço (CLUBMAN, 2015, s.p).

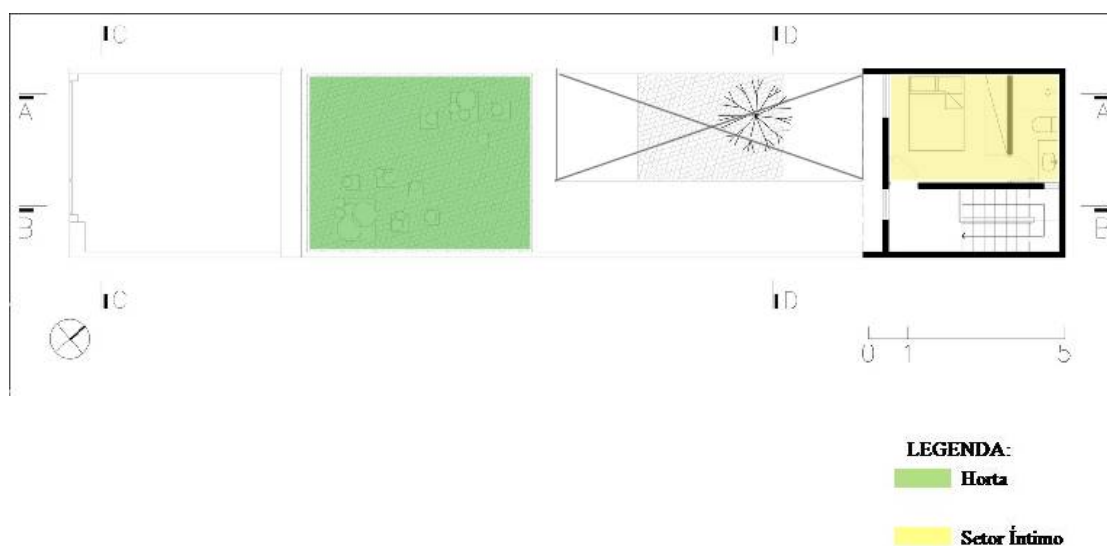
Figura 15: Jardim interno.



Fonte: Sirlei Maria Oldoni (2019).

O pavimento superior foi projetado com o objetivo de atender às visitas com uma suíte, totalizando a área da residência em 95m<sup>2</sup> (Figura 16).

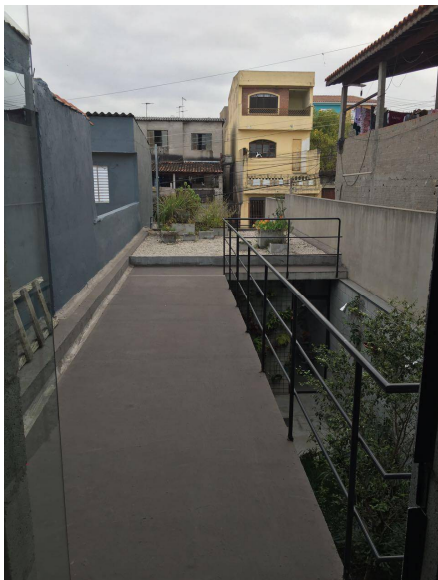
Figura 16: Planta baixa pavimento superior setorizada.



Fonte: Archdaily (2015). Organizada pela autora.

Na laje da sala, os arquitetos planejaram uma horta, já que a moradora gosta de ter um contato direto com plantas e hortaliças (Figura 17).

Figura 17: Horta no pavimento superior.



Fonte: Sirlei Maria Oldoni (2019).

O valor total da reforma, incluindo todos os materiais e mão de obra finalizou em R\$ 150mil reais, com o resultado de uma casa simples e confortável (CAU/BR, 2016, s.p).

O prêmio conquistado como melhor casa do mundo pelo Archdaily em 2016 teve como concorrência projetos do Reino Unido, Japão, Eslovênia e Vietnã. Foi o único projeto do Brasil, vencedor (CAU/BR, 2016, s.p).

Diante da repercussão, o CAU/BR em comemoração ao dia do Arquiteto e Urbanista de 2016 utilizou o exemplo da Dona Dalva para ressaltar à população brasileira que o auxílio de um arquiteto e urbanista em obras podem baratear o custo do que apenas serem feitas com pedreiros, obtendo uma moradia com segurança, qualidade e conforto (CAU/BR, 2016, s.p).

### 2.3.1 Depoimentos

Em entrevista, Dalva Borges, mais conhecida como Dona Dalva moradora e proprietária da Casa Vila Matilde, conta que se sente aliviada e segura em sua nova residência, porque o que fez com que ela tomasse a atitude de reformar sua casa foi o fato que ocorreu um dia em que chegou tarde do trabalho, quando estava no banheiro, escutou um barulho muito alto, era o teto caindo sobre sua cama (CAUMG, 2015, s.p).

E acrescenta que se sente em um palácio e dorme tranquila sabendo que seu teto não irá desabar novamente. Quando chove e venta, também sabe que sua casa não irá molhar e nem que as telhas irão voar. Uma verdadeira sensação de alívio e superação que conseguiu ter sua casa dos sonhos por meio de seu esforço (CAUMG, 2015, s.p).

Com relação á conquista do prêmio, em entrevista ao CAU/ BR os arquitetos envolvidos comentam da felicidade do resultado e do reconhecimento de seus trabalhos e reflexões que o projeto gerou. E complementam: “Enfatizada pela excelente campanha do CAU, ela chamou atenção dos arquitetos e da sociedade. Este prêmio mostra que esta reflexão não está restrita ao contexto nacional, ela está ocorrendo em diversas partes do mundo e é gratificante saber que estamos de alguma forma contribuindo com ela” (CAU/BR, 2016, s.p).

## 2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo apresentou três grandes projetos de relevância mundial e nacional, com interesse comum na arquitetura, o social. A primeira obra do arquiteto chileno Alejandro Aravena, vencedor do prêmio Prietzker, o qual teve um positivo impacto para a sociedade e o entorno, com sua maior qualidade a de promover a identidade de cada morador em sua moradia. O segundo projeto de relevância nacional, uma grande intervenção em uma das glebas na comunidade de Heliópolis em São Paulo, a gleba G. O conjunto habitacional também trouxe conseqüências positivas, como uma delas de promover interação entre os moradores e vizinhos do entorno em seus pátios centrais. E o terceiro projeto, com o título de melhor casa do mundo em 2016 pelo site de arquitetura Archdaily, é uma simples residência que estava em péssimo estado e hoje traz grande alívio e segurança para a moradora, Dona Dalva, além de carregar consigo a reflexão para a população da importância de contratar um arquiteto, com um custo acessível e um projeto de qualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido ressaltar que este trabalho procurou efetuar um apanhado sobre a relevância da realização desta pesquisa em âmbito social, acadêmico e profissional, para esclarecer o leitor da importância da atuação social do arquiteto nos espaços contemporâneos.

Para isso, o primeiro capítulo trouxe as fundamentações teóricas, como o que é arquitetura e urbanismo, a atuação de arquitetos e urbanistas e sua função social, como se encontra o perfil da sociedade contemporânea e os espaços com fragilidades sociopolíticas e econômicas necessárias para o entendimento de fatores responsáveis para a continuação desta pesquisa. Considerando um tema com grande relevância social para a atualidade.

O segundo capítulo apresentou obras sociais com relevância mundial e nacional, de arquitetos vencedores de prêmios importantes para a arquitetura. A primeira obra apresentada foi do arquiteto Alejandro Aravena, um conjunto habitacional para aproximadamente cem famílias, em uma área industrial da cidade de Iquique, no Chile. Pôde ressaltar a importância da intervenção para o entorno e os moradores e como a população se sentiu satisfeita com o resultado. A segunda obra foi um Conjunto habitacional na comunidade de Heliópolis, em São Paulo. Com um conceito de “quadra européia” os edifícios de tornaram público e privado ao mesmo tempo, não apenas favorecendo seus moradores, mas a população do entorno também. E a terceira e última obra, uma simples residência, mas com um significado muito grande para sua proprietária, ganhadora de melhor casa em 2015 pelo Archdaily, a casa Vila Matilde carrega economia, funcionalidade e beleza em seus blocos aparentem.

Portanto, no próximo capítulo as obras estudo de caso que serão apresentadas são obras e programas sociais de pouca relevância nacional, trazendo suas dificuldades, histórias, relatos, projetos e como o arquiteto pode atuar diretamente para um retorno satisfatório dessa população. A autora está entrando em contato com tais projetos sociais: Programa vivenda de São Paulo que reforma casas em condições insalubres. Projeto Adote uma casa da Universidade Vila Velha, no Espírito Santo em que juntamente com os alunos de arquitetura “adotam” uma reforma de uma casa inteira, trazendo melhor condições de moradia. Programa Arquitetura na Periferia, uma ONG sem fins lucrativos que visa a melhoria da moradias de mulheres da periferia de Belo Horizonte, potencializando essas mulheres á participarem ativamente em suas reformas. Programa Construide, uma ONG com seguinte tema: Impactando vidas, reformando moradias. E por fim, o programa social TETO, uma ONG sem



fins lucrativos que há 10 anos trabalha com voluntariados e moradores para melhorar as moradias e infraestrutura, para superar a pobreza. A escolha desses estudos de caso, se dá pela relevância social que possuem e o enriquecimento para a atuação social do arquiteto como agente transformador do espaço. Cada projeto possui sua singularidade, mas todos com o mesmo objetivo. Dessa forma, para o próximo capítulo será feita uma visita em loco com esses programas sociais para que a análise entre os correlatos apresentados e os projetos desses programas sociais se torne mais enriquecedor para a pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABIKO, A. L; ALMEIDA, M. A. P; BARREIROS, M. A. F. **Urbanismo: História e Desenvolvimento**. Escola Politécnica USP-Departamento de Engenharia e Construção Civil, 1995. Disponível em: <[http://www.pcc.usp.br/files/text/publications/TT\\_0001](http://www.pcc.usp.br/files/text/publications/TT_0001)> Acesso em: 20 ago. 2019.

ANDRADE, Liza Maria Souza de. **O conceito de Cidades-Jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis**. Vitruvius, 2003. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>> Acesso em: 05 out. 2019.

ARQUITECHNE. **Quinta Monroy 12 anos depois: uma análise da habitação social de Alejandro Aravena**. 2018. Disponível em: < <https://arquitechne.com/quinta-monroy-12-anos-depois-uma-analise-da-habitacao-social-de-alejandro-aravena/>> Acesso em: 8 out. 2019.

ARQUITETURA, Galeria da. **Conjunto Habitacional Heliópolis - Gleba G - Biselli e Katchborian Arquitetos**. 2015 (4m07s). Disponível em: <[https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/biselli-e-katchborian-arquitetos-associados\\_/conjunto-habitacional-heliopolis-gleba-g/1842](https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/biselli-e-katchborian-arquitetos-associados_/conjunto-habitacional-heliopolis-gleba-g/1842)> Acesso em: 14 out. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENEDETTI, C. Cultura de projeto: A quebra dos paradigmas de projetos de habitação econômica coletiva. In: Anais 4º Fórum Habitar. 2017, Belo Horizonte, Minas Gerais.

BENEVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

BORATTO, Romullo. **Ruy Ohtake: "A população gosta muito dos meus trabalhos, mas os arquitetos, não"**. Archdaily, 2019. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/914831/ruy-ohtake-a-populacao-gosta-muito-dos-meus-trabalhos-mas-os-arquitetos-nao>> Acesso em: 26 ago. 2019.

BARATTO, Romullo. **Estudo encomendado pelo Ministério das Cidades avalia o programa "Minha Casa, Minha Vida"**. Archdaily, 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/759256/estudo-encomendado-pelo-ministerio-das-cidades-avalia-o-programa-minha-casa-minha-vida>> Acesso em: 15 out. 2019.

CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **INTRODUÇÃO À GLOBALIZAÇÃO**. [S.I.], 2007.

CAU/BR. **Pesquisa inédita: Percepções da sociedade sobre Arquitetura e Urbanismo**. 2015. Disponível em: <<https://www.cau.br.gov.br/pesquisa-caubr-datafolha-revela-visoes-da-sociedade-sobre-arquitetura-e-urbanismo/>> Acesso em: 23 ago. 2019.

CAU/BR. **Alejandro Aravena expõe suas ideias para a implementação da Nova Agenda Urbana**. 2016. Disponível em: <<https://www.cau.br.gov.br/alejandro-aravena-expoe-suas-ideias-para-a-implementacao-da-nova-agenda-urbana/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

CAU/BR. **É campeão: Casa de dona Dalva é eleita melhor casa do mundo pelo ArchDaily**. 2016. Disponível em: <<https://www.cau.br.gov.br/casa-de-dona-dalva-da-campanha-do-dia-do-arquiteto-e-finalista-em-premio-mundial/>> Acesso em: 15 out. 2019.

CAU/BR. **Arquitetura Social: O mal-entendido que levou Ruy Ohtake a Heliópolis, em SP**. 2018. Disponível em: <<https://www.cau.br.gov.br/arquitetura-social-redondinhos/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

CAU/BR. **Pesquisa CAU/BR revela perfil profissional dos arquitetos e urbanistas brasileiros**. 2019. Disponível em: <<https://www.cau.br.gov.br/pesquisa-cau-br-revela-perfil-profissional-dos-arquitetos-e-urbanistas-brasileiros/>> Acesso em: 23 ago. 2019.

CAU/BR. **Portal da Transparência Apresentação**. Disponível em: <<https://transparencia.cau.br.gov.br/apresentacao/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

CAU/MG. **Dia do Arquiteto e Urbanista 2015 – Dona Dalva.** 2015. (5m23s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=nVK9p2mRjmg> > Acesso em: 12 out. 2019.

CHAKUR, Pablo. **Urbanidade: conceito e parâmetros.** Vitruvius. 2018. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.214/6983>> Acesso em: 23 ago. 2019.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

CLUBMAN, Mini. **Casa Vila Matilde / Terra e Tuma Arquitetos Associados.** Archdaily, 2015. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/776950/casa-vila-matilde-terra-e-tuma-arquitetos> > Acesso em: 11 out. 2019.

COLIN, Silvio. **Uma introdução á arquitetura.** Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** [S.I.]: Editora Ática, 1995.

DATAFOLHA. **História.** Disponível em: < <https://datafolha.folha.uol.com.br/sobre/historia/index.shtml> > Acesso em: 26 ago. 2019.

DEBOARD. Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DICIO, **Significado de Sociopolíticos.** Dicionário online de Português. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/sociopoliticos/> > Acesso em: 27 ago.2019.

DORATEO, Jan. **Em foco: Shigeru Ban.** Archdaily, 2016. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/792780/em-foco-shigeru-ban> > Acesso em: 26 ago. 2019.

ESTADÃO. **Déficit habitacional é recorde no País.** 2019. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,deficit-habitacional-e-recorde-no-pais,70002669433>> Acesso em: 23 ago. 2019.

ESTADÃO. **A história da Vila Matilde**. 2015. Disponível em: < <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,a-historia-da-vila-matilde,1745587>> Acesso em: 15 out. 2019.

FAG. **Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**. 4ª Ed. Cascavel: FAG, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Arquiteto instala gangorra na fronteira EUA-México em protesto contra políticas migratórias**. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/arquiteto-instala-gangorra-na-fronteira-eua-mexico-para-criancas-dos-dois-lados-brincarem.shtml>> Acesso em: 23 ago. 2019.

FREITAS, Hélber. **Direitos sociais: direito á moradia**. Jusbrasil. 2014. Disponível em: <<https://helberfreitas.jusbrasil.com.br/artigos/145423551/direitos-sociais-direito-a-moradia>> Acesso em: 26 ago. 2019.

FRONTEIRAS, Pensamento do. **Saskia Sassen**. Disponível em: < <https://www.fronteras.com/saopaulo/conferencia/saskia-sassen>> Acesso em: 26 ago. 2019.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HELM, Joanna. **HIS - Conjunto Heliópolis Gleba G / Biselli + Katchborian Arquitetos**. Archdaily, 2011. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/01-16929/his-conjunto-heliopolis-gleba-g-biselli-mais-katchborian-arquitetos>> Acesso em: 11 out. 2019.

HONESKO, Vinícius Nicastro. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

JACCOUD, Luciana. **Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2009.

JARDIM, M. Habitação (é) Elemental: o caso de Quinta Monroy. In: Anais 4º Fórum Habitar. 2017, Belo Horizonte, Minas Gerais.

KOURY, Rafael. **Considerações sobre a boa cidade Justiça ambiental urbana e sustentabilidade**. Vitruvius. 2015. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5520> Acesso em: 23 ago. 2019.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MONTEIRO, Adriano Roseno; VEGAS, Antonio Tolrino de Rezende. **A QUESTÃO HABITACIONAL NO BRASIL**. Fortaleza: [s.n.], 2000.

MUSSI, Monica. **O trabalho na sociedade contemporânea**. [S.I.], [s.n.], [s.d.].

NOGUEIRA, Priscilla Silva. **Práticas de Arquitetura para Demandas Populares A experiência dos Arquitetos da Família**. Belo Horizonte, [s.n.], 2010.

NUNES, Christiane Girard Ferreira; LACERDA, Norma. **Planejamento urbano, arquitetura e urbanismo: a serviços de uma outra geografia? Brasilmar Ferreira Nunes (em memória)**. Revista Sociedade e Estado: 2016.

OLIVEIRA, Mariana Gimenes de; PISANI, Maria Augusta Justi. **Conjunto habitacional gleba G – Heliópolis Projeto contemporâneo de habitação de interesse social em São Paulo**. Vitruvius, 2017. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.206/6629> Acesso em: 11 out. 2019.

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introdução á História da Arquitetura, das origens ao século XXI**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PORTAL, Aprendiz. **Jane Jacobs e a humanização da cidade**. 2018. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/07/24/jane-jacobs-e-humanizacao-da-cidade/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

PRONI, M. W. O trabalho na civilização contemporânea: Leituras e Reflexões. In: Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador Tecnologia e Civilização, s.d, Ponta Grossa.

RIBEIRO, Stephanie. **A Arquitetura precisa reconhecer, além do papel social, os debates sobre Raça e Gênero**. Archdaily, 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/788948/a-arquitetura-precisa-reconher-alem-do-papel-social-os-debates-sobre-raca-e-genero>> Acesso em: 23 ago. 2019.

SALADO, Gersa de Cássica; SICHIERI, Eduvaldo Paulo. A arquitetura em tubos de papelão de Shigeru Ban. Revista **æ ensaios**, n.1, p 4-16, 2 out. 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único á consciência universal**. [S.I.] : Editora RECORD, 2000.

SANTOS, Gustavo Viana dos. **A função social da arquitetura materializada no espaço de aprendizagem: Proposta de anteprojeto para uma escola de arquitetura e urbanismo em Campos dos Goytacazes/RJ**. Rio de Janeiro, 2018.

SAPORITO, Juliana Tancini. **Análise do Programa Minha Casa Minha Vida para empreendimentos voltados para famílias classificadas na faixa 1 do programa**. São Paulo, 2015.

SINDARQPR. **Boletim Espaço Livre – SARQ/GO**. s/ano. Disponível em: <<https://www.sindarqpr.org.br/a-funcao-social-do-arquiteto-e-do-urbanista/>> Acesso em: 22 ago. 2019.

SIQUEIRA, Vinícius. **Guy Debord e a sociedade do espetáculo**. Obvious. s.d. Disponível em:

< [http://obviousmag.org/archives/2013/05/guy\\_debord\\_e\\_a\\_sociedade\\_do\\_espetaculo.html](http://obviousmag.org/archives/2013/05/guy_debord_e_a_sociedade_do_espetaculo.html)>

Acesso em: 21 ago.2019.

STOTT, Rory. **Como a imigração definirá o futuro da arquitetura e do urbanismo**.

Archdaily. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/791111/como-a-imigracao-definira-o-futuro-da-arquitetura>> Acesso em: 23 ago. 2019.

TOLEDO, B.B. de. A formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro: Uma análise baseada na segregação populacional e exclusão social. . In: Anais do XVI Encontro Nacional de pesquisadoras/ es em Serviço Social. 2018, Vitória, Espírito Santo.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar A perspectiva da existência**. São Paulo, DIFEL, 1983.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.